

EXPERIÊNCIA NEGRA, TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Diego Henrique Nascimento Santos

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: O intuito principal do texto é meditar acerca das experiências de tempo subsumidas na lógica do consumismo – projeto neoliberal e projeto de “sujeitos” –, bem como aberturas temporais possibilitadas pelo acontecimento do novo coronavírus (covid-19). Tento, no escrever, mostrar que as produções compulsórias promovidas pelo capital e a produção/construção de um “sujeito universal” evidenciam uma mesma abertura temporal, atuando também como ponto de inflexão. Esta abertura, por conseguinte, contribui para manutenção do sistema produtivo e alienação das/os negras/os explorados por ele. Destituir um, implica também a destituição do outro. Por fim, intuímos que a experiência negra nos dias de hoje só é possível, na condição da criação de um novo mundo e de uma nova experiência temporal, destituindo não só o sistema capitalista mundial, mas também, esse sujeito que o constitui.

Palavras-chave: experiência negra, tempo, sujeito, capitalismo, coronavírus.

Abstract: The main purpose of the text is to meditate on the time experiences subsumed in the logic of consumerism - neoliberal project and “subject” project -, as well as temporal openings made possible by the new coronavirus (covid-19). In writing, I try to show that the compulsory productions promoted by capital and the production / construction of a “universal subject” show the same temporal opening, also acting as an inflection point. This opening, therefore, contributes to the maintenance of the productive system and the alienation of the black women exploited by him. Removing one also implies removing the other. Finally, we intuit that the black experience nowadays is only possible, on the condition of the creation of a new world and a new temporal experience, destroying not only the world capitalist system, but also, this subject that constitutes it.

Keyword: black experience, time, subject, capitalism, coronavirus.

Introdução

Um grande perigo àqueles que tecem, por meio da escrita, um texto em meio ao acontecimento político é a própria dimensão de imprevisibilidade e irrealidade que o acompanha (Lazzarato, 2006). Os efeitos e as direções tomadas por ele são amplas o bastante para dificultar a apreensão e captura por meio das palavras escritas. O que torna o exercício filosófico muitas vezes próximo do exercício do historiador. Seria incorreto afirmar que ambos possuem uma proximidade tamanha que em alguns níveis, instâncias ou planos são indiscerníveis os limites entre si?

Olhar para trás como um lobo olha sua cauda é exatamente uma experiência de exercício, que requer uma relação diferenciada entre o ver e o visto do que geralmente estamos acostumados. Não é apenas o campo de visão da cauda que está em jogo para o que se dá a ver, é antes, uma experiência temporal que permite uma aproximação entre *quem vê, como se vê, e o que autoriza esse ver* (D’Amaral, 1995). Gostaria, de antemão, apresentar-lhes uma proposta de modo de escrita. Encaro o escrever como um “ato ético por excelência”. Ele é autônoma por desfazer-se dos grilhões que o prendem, sua melhor aparência é sua própria estranheza (Souza, 2014). Não conjuro aqui nenhuma linearidade, tal qual concebemos muitos textos. O espírito dessa escrita está na relação dela consigo mesma. Como autor, devo perder-me de mim mesmo. Nesse sentido, não detenho de antemão o que será escrito, estabelecimento, ao invés disso, uma relação de composição no ato de escrever. E é esta composição a que me proponho.

Destacaria também, que deixemos em suspensão alguns dos binarismos que estamos acostumados (corpo/alma, sujeito/objeto, bem/mal, eu/outro, cultura/natureza, indivíduo/sociedade, dentro/fora etc). Essa suspensão é necessária, pois nenhum acontecimento lança mão previamente disso (Lazzarato, 2006). Quando necessário, eu os utilizarei acompanhado de aspas, para indicar que meu interesse nos conceitos é de apenas torná-los problemáticos. À efeito, não estou negando-os, nem aceitando seu uso indiscriminadamente. Trata-se de *colocar em movimento sua significação*. Mais uma vez, estamos diante de uma experiência temporal.

A chegada do COVID-19 (coronavírus/SARS-CoV-2) no mundo foi acompanhada por uma abertura temporal própria. Atribuir os impactos do coronavírus no mundo ao grau de acontecimento político não é nenhuma falácia, visto que os efeitos que se está provocando, bem como denunciando, implica, direta e indiretamente, às condições políticas, econômicas, sociais e espirituais vigentes. Vemos isso com as medidas adotadas a partir dos

governos, principalmente nos países mais ricos, que mostram a incapacidade do projeto neoliberal lidar com essa situação e, conseqüentemente, a problemática desse projeto de “sujeito”. Pode-se objetar que nenhum país está de fato, preparado para um vírus como esse, uma pandemia. A história está aí para mostrar que não é a primeira vez que um vírus de alto contágio e com grau significativo de mortalidade eclode no mundo. Temos recentemente, na história do mundo, a ocorrência da gripe aviária, do SARS-1, da gripe suína, do ebola e do sarampo para nos lembrar que acontecimentos como esse podem ocorrer. Desse modo, o intuito principal do texto é meditar sobre diversas experiências de tempos subsumidas na lógica da sociedade do consumo – projeto neoliberal e projeto de “sujeito” –, bem como aberturas temporais possibilitadas pelo acontecimento na atual pandemia. Para que possamos visualizar isso melhor, precisamos dispor algumas forças que facilitaram o seu acontecimento.

Virtualização em jogo

Nossa experiência no mundo está se tornando cada vez mais “conectada”. Simultaneamente as relações de significações estão cada vez mais intercambiáveis. Pierre Levy (2011) já nos fala da virtualização de mundo propiciado por essa nova configuração do real, cuja configuração permite a criação de um ambiente virtual. Este apresentado, cada vez mais, como sensitivamente mais dinâmico e “similar” a nossa proximidade física cotidiana¹. Em outras palavras, tendo em vista que a velocidade com que uma informação pode chegar de um hemisfério a outro, esta velocidade de troca de informações atingirá diretamente na produção de sentidos de “sujeitos” muito distantes continentalmente. Aqui, já fica evidente que o caráter universalista do conceito de “sujeito” já não suplanta mais uma determinação unívoca, contudo, o que temos experienciado é notadamente o contrário, um “sujeito universal” possui um *valor* diferente (acima) de outras/os “sujeitas/os”, inscritos numa hierarquia de direitos, acessos e poder. Nesse sentido, mudamos nossa assertiva: é em detrimento desse intercambiamento de significações que o mundo desse “sujeito universal” é posto sobre os outros, isto é, colonização de um mundo sobre outro. Contudo, esta significação de mundo não é nova, tampouco suas violentas formas de imposição, o que torna nossa assertiva, mais uma vez imprecisa. Podemos dizer, apenas, que elas se configuram puramente virtuais enquanto tal. Por virtual, quero dizer uma complexidade ou

1 Numa espécie de aproximação do virtual com o real. Posso me comunicar com uma moradora da Austrália, mesmo estando no Brasil, minha experiência me faz estar lá e aqui ao mesmo tempo (virtualização). Um não é oposto do outro.

um problema da situação que a acompanha. “O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore” (Levy, 2011: 16).

Bolsa de valores e cartões de crédito, redes sociais, jogos mutliplayers online, por exemplo, constituem exemplos dessa nova virtualização² que acompanha a globalização e a informatização. O primeiro modelo de implementação de um mercado global aconteceu nas práticas do mercantilismo e colonialismo. A verticalização de “sujeitos” por meio da criação do conceito de raça possibilitou a exploração no período colonial e contribuiu também com a implementação do capitalismo (Mbembe, 2014). Já que esta prática foi tão bem-sucedida, mesmo com a construção das fábricas e trabalho assalariado, alguns meios de exploração e manutenção do sistema econômico continuou ancorado nas políticas de raça coloniais, agora como dispositivos indispensáveis para o capital (Mbembe, 2014). Entretanto, esses dispositivos não poderiam operar mais de modo explícito tal como fora no colonialismo, foram reconfigurados e redistribuídos por via do discurso e das instituições, como no racismo, principalmente quando este é atualizado no cotidiano e garantido pelas vias institucionais (Kilomba, 2019).

Pode-se perguntar o porque esta reflexão é necessária para o que estamos tratando. Arrisco-me a dizer que as explorações/produções compulsórias promovidas pelo capital e a produção/construção de um “sujeito universal” evidenciam uma mesma abertura temporal, atuando também como ponto de inflexão. Esta abertura, por conseguinte, contribuiu para manutenção do sistema produtivo e alienação das/os negras/os explorados por ele, e como inflexão também é possibilitadora de mudanças. Destituir um, implica também a destituição do outro. Para além das críticas ao capitalismo e suas relações, enquanto este “sujeito” também não for problematizado, não for colocado em questão, os pedidos e desejos para mudanças reformistas, para retorno ao já conhecido modo produtivo – talvez até mais impune e repressivo – pode ser recorrente e impossibilite a criação de novos mundos possíveis.

Negação do presente, sociedade branca?

2 Conceito elaborado pelo Pierre Levy, a partir da medição do conceito de virtual de Gilles Deleuze e Michel Serres.

Algo característico do poder é produzir desejos (Foucault, 2013). Todavia, é uma produção de desejo do negativo, isto é, a partir da falta³ (Deleuze, 1978). Este foi e continua sendo um mecanismo fundamental para a manutenção do poder. Para que essa produção se cristalize, é necessário que o corpo seja capturado e sedimentado num mundo onde esta produção é possível. O “sujeito” subjugado duplica-se para habitar neste mundo, duplica-se para inscrever-se nos domínios do poder⁴.

Se trata menos de um mundo da solidariedade e beatitude, mas antes um mundo de rivalidades e hostilidades, Grada Kilomba (2019) denominará este mundo de *sociedade branca*. Estar nesse mundo também significa ser suscetível, em algum grau, à sedução da máquina de produzir desejos que é o poder. Significa que para as/os negras/os, por exemplo, é viver num mundo que só lhe é possível a partir da sua própria subjugação. Esta condição é atualizada em cada episódio de racismo cotidiano, acompanhado também de uma experiência temporal. “É um choque violento que de repente coloca o sujeito em cena colonial na qual, como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado, como a/o Outra/o subordinado e exótico” (Kilomba, 2019: 29-30). Mundo e temporalidade coincidem aqui. O que significa dizer que uma experiência de mundo única, acompanha também uma experiência temporal única e vice-versa. O cenário da plantação é um outro mundo criado, que embora não vivenciado no real, ele detém toda a densidade e espessura que o discurso racista comporta. Só é possível vivenciá-lo a partir de fragmentos, uma experiência fragmentada que se reconstitui no imaginário. Este retorno se constitui como uma nova tentativa de colonizar da/o branca/o (Kilomba, 2019).

Detemo-nos mais um pouco nessa experiência. Grada denominará essa experiência de trauma, tal como o trauma clássico freudiano. O trauma possibilita uma abertura espaço-temporal que não se constitui exatamente como uma lembrança ou recordação. Não é o passado que se encontra e se conserva no presente, mas o presente que se encontra com o retorno do passado (simbólico/imaginário), indo em direção a ele, se constituindo nesse mundo colonial. Dito de outro modo, não se trata da presentificação do passado, porque não traz à tona algo do passado para sua experiência corporal atual, pelo contrário, te projeta ao passado em uma experiência corporal “inatural”. “Enquanto o *sujeito branco* reencena o passado, o presente é proibido ao *sujeito negro*” (Kilomba, 2019: 225).

3 Faço referência às forças reativas, cuja potência de afirmar a afirmação é negada, e volta-se para afirmar a negação. Deixando em seu rastro uma espécie de “buraco” onde habitara uma vida afirmativa e que constantemente sente sua falta e saudades, tentando preencher a todo custo este “buraco”.

4 No limite duplicasse para inscrever-se nos domínios da história.

O presente só pode ser vivível para o negro diante de um outro mundo, na criação de um outro mundo. Quanto às reminiscências que se colhe do colonialismo no atual, me proponho a caracterizá-las como superposição de mundos, ou ainda como superposição no real, pois o caráter topológico das forças presentes no colonialismo ainda se preserva e se conserva no capitalismo. Captura e predação na lógica escravagista, ocupação e exploração na lógica colonial (Mbembe, 2014) tem seu papel especial na produção, armazenamento e distribuição do capital (Harvey, 2020). O que vai garantir e gerir tal relação será o Estado e suas instituições, para Kom’Boa, o “Estado é uma abstração política, uma instituição hierárquica pela qual uma elite privilegiada se esforça para dominar a grande maioria das pessoas.” (2015: 143). Não é ato que o nascimento do nacionalismo tem correlação direta com a operação racista de diferenciação entre a/o “sujeita/o” e a/o “Outra/o” (Mbembe, 2014).

Vou retomar em outro momento esta problemática junto à *branquitude* e alguns dos seus efeitos num cenário de coronavírus. O que nos importa agora é: como esse corpo negro participará dos mundos e tempos na globalização perversa? Sugeri anteriormente que o mercado global possui um ponto de inflexão temporal com o “sujeito universal” moderno. Os ambientes virtuais criam diversas possibilidades de relações, interações, acessos, anonimatos etc. As experiências são das ordens mais diversas possíveis, tendo impactos nas diversas instituições e vidas das pessoas. As experiências são possibilitadas através de duplicações do “sujeito” que habitará a realidade virtual. Se “a vida não cabe no *lattes*”⁵, também não caberá no instagram. Por isso a captura se dá por essa duplicação. Vida, enquanto tal, nunca é capturada em sua totalidade (Nietzsche, 2010). Mas isso não torna limitado à experiência de virtualização, a criação habita qualquer domínio através da vida não capturada. Mais do que uma forma de captura, a virtualização é uma multiplicidade de mundos promovidas pelo deslocamento da/o “sujeita/o”:

“A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade da ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo” (Levy, 2011: 21).

5 Referência a uma frase utilizada em diversos meios digitais no Brasil, cujo intuito se compõe como uma crítica a submissão da vida ao regime de produção acadêmica acelerada não refletida.

Temos uma outra relação com o espaço-tempo, o presente assume uma unidade de mundo e de lugar; a simultaneidade e ausência de um lugar determinado dispõe o tempo como interconexão do presente. Ele continua: “A invenção de novas velocidades é o primeiro grau de virtualização” (Levy, 2011: 23). Isso pode modificar nossa relação com o tempo e memória, uma vez que o presente se caracteriza de um fluxo contínuo de experiências, o que se conversa no presente enquanto passado (definição de pretérito) estará o tempo todo sendo atualizado por esse fluxo, dificultando que a experiência se preserve, como por exemplo, a memória de longo prazo. Tendo a achar que dentre alguns anos teremos uma grande modificação anatômica, diferencial e potencial na memória de trabalho (curto prazo) e de longo prazo, até mesmo, atenuação ou desenvolvimento de quadros psicopatológicos que envolvem a memória.

Em via de mão dupla, estamos também carecendo de algo que nunca “preencheremos”. Pois, como havíamos discutido, o poder é também uma máquina de produzir desejos, produzir necessidades e, mais, de produzir carências. A fragilidade das relações afetivas em fluxo de experiências constante por um lado, e a dificuldade de preenchimento de uma falta por outro, constituem dois elementos caros para essa/e nova/o “sujeita/o”.

Triunfo do Negativo

A falta, a carência, o vazio e o nada constituem modos como o *negativo* vai aparecer nas relações humanas, o que Nietzsche chamará de niilismo (Nietzsche, 1999). O negativo tem sempre um referencial externo que o caracteriza, que o submete, tendo o negativo que reagir a ele (Deleuze, 1978). Assim, dizemos que o negativo é reativo. Ressentimento e culpa são duas grandes mostras de niilismo, disseminados pela Igreja no ocidente. Eles têm como pano de fundo a depreciação da vida e a valorização de um outro mundo (Deleuze, 1978). Em um trabalho futuro irei me deter sobre a questão do ressentimento e a proveniência do racismo. Por hora, para o que estamos buscando aqui, vamos nos deter apenas na experiência do ressentimento e como este está relacionado à experiência da virtualização nos dias de hoje.

“Suponhamos uma deficiência da faculdade de esquecer: a cera da consciência fica como que endurecida, a excitação tende a confundir-se com a sua marca no inconsciente, e inversamente, a reação às marcas aparece na consciência, invade-a” (Deleuze, 1978: 171). Deleuze quer nos dizer o quanto o esquecimento é importante para que nós possamos

vivenciar uma nova experiência, como uma espécie de renovação do presente, sem todos os pesos do passado. Não que o passado não se conserve ou subscreva no presente, mas o presente é renovado com algumas experiências em pretérito (passado recente) e passadas (armazenadas) dando lugar a outras, novas experiências com novos pretéritos e novas experiências passadas lhe sobrevivendo.

É a dinâmica da passagem de experiências à memória de longo prazo; das memórias de longo prazo que são evocadas na experiência; e das memórias de curto prazo ainda em uso. Constituindo um fluxo de experiências na “consciência”. Na/o “sujeita/o” do ressentimento, isso não lhe acontece, ele dificilmente esquece, conseqüentemente, àquilo que lhe acontece, que lhe deixa marcas, retornará à consciência sem cessar. Visto que não entrou no esquecimento e a consciência não foi totalmente renovada para uma nova experiência.

Esta relação temporal é muito importante para o que estamos discutindo aqui, pois nos mostra como o presente, assim como a memória são tratadas no ressentimento. Para que possamos chegar mais perto da culpa, precisamos acompanhar mais um pouco os desdobramentos seguintes à fragilidade do esquecimento. Não só alegrias, mas também dores constituem nossas marcas. São forças intensas o suficiente para marcar-nos. Muitas vezes são coisas que preferimos não lembrar, coisas que desgostamos em nós mesmo, coisas que repudiamos em sentir. Coisas que se retornassem não suportaríamos a ideia. E se deparar com elas pode-nos paralisar. Algo comum é esta não-reação frente a episódios que foram por vezes *traumáticos*.

Esses episódios, por fragilidade do esquecimento, podem irromper a qualquer momento. Se as marcas (virtuais) estão o tempo todo rodeando o presente, como sombras, porque ainda conseguimos de alguma maneira agir nas experiências cotidianas? Porque *esse agir é uma ficção, estamos reagindo pela projeção da imagem invertida* (Deleuze, 1978). Talvez agora, as coisas estejam um pouco mais “confusas”. “Arrumar” uma confusão é um processo dispendioso, requer muita atenção e uma noção de espaço para que as coisas sejam fiquem arranjadas.

É exatamente o que precisamos agora, espacializar e atentar para essa “confusão”. Por não agir, ela vira-se contra si mesma. Vira-se contra si, o triunfo do negativo, num espírito de vingança, a fim de fazer com que todo o nosso agir torne-se um reagir, projetando uma falsa imagem da *potência de agir* num mundo distinto, como forma de *compensação*. Para então, só podermos agir mediante a consideração de um mundo (valorizado) diferente deste, e neste mundo (depreciado). É aqui que posso dizer que esse mundo, o paraíso onde

habita a salvação e a vida eterna, é um mundo não-terreno superposto no mundo “terreno”. Só pode-se alcançar um outro mundo, enquanto é virtual a este. Este é o diagrama da culpa. Ela acusa e deprecia tudo que age, como vingança da sua perda da potência de agir. “Ao virar-se contra si, *produz dor* (...). Inventa-se um novo sentido para a dor, um sentido interno, um sentido íntimo: faz-se da dor a consequência do pecado, de uma culpa”. (Deleuze, 1978: 194)

Fragmentação da marca

Como já dissemos, este mundo, que agora é depreciado, é a *sociedade branca*⁶. Por consequência, para que o viver nele possa ser suportado, de suas marcas são produzidas imagens invertidas e projetadas num outro mundo, considerado como um submundo com sub-humanos⁷. E a dor, concomitantemente, passa a ser um signatário da *branquitude*⁸ para também infligir e provocar no “outro” a fim de aliviar, gozar e proteger a si e seu mundo⁹. Temos, assim, a superposição de três mundos simultaneamente. Assim como uma mesma experiência de tempo que liga-os. *Temporalidade é, nesse sentido, o ponto de inflexão de mundos*.

Se aqui observamos a fragilidade do esquecimento, hoje, na virtualização, a frugalidade do fluxo do presente não permite que se constitua muitas marcas, e quando constituídas, estão sob penas de fragmentações. Estas fragmentações chamarei de *fragmentações da marca*, para diferenciar daquelas que Grada estudou e já discutimos, as fragmentações provenientes do trauma. Assim uma nova sombra ronda este mundo, a sombra da fragmentação. Terreno fértil para niilismos e relativismos. As religiões e a política se tornam mecanismos de compensação e tentativa de retorno à crença na totalidade. Como uma vã tentativa de segurar pelas mãos o que se escorre entre os dedos.

6 Não quero afirmar que o ressentimento é exclusivo da Igreja Católica e, que foi junto ao ressentimento, que surgiu também a ideia de “branco” ou a *sociedade branca*. Ou ainda, que o ressentimento está sempre associado à *branquitude*. Ainda deve-se fazer mais estudos acerca dessas questões, contudo, me contento com a confluência e superposição que se dá entre esses mundos.

7 É em detrimento disso, que na configuração atual do racismo, Grada demonstra que o “novo racismo” se constitui como uma nova tentativa de colonização (2019), reificação desse submundo, levar a quem sofre para ele.

8 Não abordo aqui os nós complexos da intersecção entre raça, gênero e classe, nem a idealização da *branquitude* pelas/os negras/os. Reservo para os trabalhos que virão, me detenho apenas na experiência espaço-temporal específica que fui-me conduzido a tal.

9 Por isso D. Infante I no seu cavalo alado desfilava como alguém santificado, sentindo-se mais próximo de Deus ao escravizar os negros e levá-lo para Portugal em 1443 (Leonardi, 1999). E até hoje Portugal se vangloria por suas expedições (Kilomba, 2019).

E no mesmo espírito de vingança do ressentimento, a *branquitude* tenta ao máximo garantias para que a/o “Outra/o” não recomponha sua história, seu corpo, sua condição humana, sempre a/o despedaçando e a/o fragmentando. Como forma de manter também esse mundo, de protegê-lo da ameaça de dilaceramento, e todos os privilégios que este mundo carrega. Que mundo, então, a/o negra/o pode habitar? Muitas/os negras/os em diáspora encontram uma “saída” na crença do paraíso, na vitória da vida mesmo na morte pela simbólica cristã (Mbembe, 2014). Participar da *sociedade branca*, batendo numa porta que, no fundo, nunca será aberta; contanto que aceite, reproduza e idealize a *branquitude* e negue a *negritude*¹⁰. Desejar um retorno à África como lugar legítimo da/o negra/o (Mbembe, 2014). Duplicar-se no ambiente virtual. Ou, ainda, lutar pela construção de um novo mundo.

Nilismo contemporâneo

Um outro, e essencial mecanismo de compensação será pelo incessante intento de preenchimento da falta.¹¹ Este negativo fundante do ressentimento, agora fixado na experiência da frugalidade do presente tenta recompor de toda maneira essa falta. “Preenchendo”, ou melhor *consumindo* cada vez mais, e mais, sempre mais, contudo, todo preenchimento se fragmenta¹². Nos projetamos no futuro com base em experiências passadas, um meio de nos darmos uma certa sensação (é só o que temos) de segurança. As marcas pouco constituídas titubeiam o nosso projetar-se no futuro, tornando o presente ainda mais incerto. Não que não nos impeça de fazermos planos, projetos de vida, mas que estes mesmos planos e projetos estão ancorados em experiências mais fragmentadas. Em consequência, a experiência do presente torna-se sensitivamente mais “vazia”. Uma nova configuração do nilismo.

Nossa *ânsia* e aceleração em dar conta, a em querer novamente a luminosidade das coisas, em deter em nós uma territorialização que nos suporte no mundo, são sintomas

10 A relação dramática e violenta da sociedade branca e a/o negra/o é muito bem ilustrada nas obras da Toni Morrison.

11 Novamente queria sinalizar o cuidado com a narrativa, não quero dizer que a experiência de mundo na virtualização é exclusivo do branco, ou criado pelo branco. Ou ainda, que devemos negar todo esse mundo virtual, e que ele não traz benefícios. Indico apenas que é um rumo tomado no égide da sociedade branca capitalista, que perpetua desigualdades e hierarquias, mas também não se elimina a invenção e a criação.

12 Não que esteja em defesa da possibilidade de uma totalidade, mas a sensação de permanência, aquela que outrora nos deu segurança. As vigas estão enferrujadas e não suportam mais o peso do que permanece, os ventos alísios carregam todo o oxigênio que irá oxidá-las. Não se trata exatamente de uma mudança na direção ontológica do ocidente, o que provocado pelo pensamento emanciparia nossa relação com a verdade. Mas a transformação, a configuração de novos processos, novos espaços e tempos, novas tendências, novos princípios – talvez não tão novos assim.

debitarios desse nihilismo. Simultaneamente, “a aceleração das comunicações é contemporânea de um enorme crescimento da mobilidade física. Trata-se na verdade da *mesma* onda de virtualização” (Levy, 2011: pp). Aproximou pessoas e aproximou mercadorias. Possibilitou e exigiu maior produção e globalização do mercado, acompanhado do *consumismo* e *captura* de toda criação da vida, cuja submissão se dá em condição de mercadoria.

“Os modos de consumismo que explodiram depois de 2007-8 caíram com consequências devastadoras. Estes modos foram baseados na redução do tempo de rotação do consumo o mais próximo possível de zero. A torrente de investimentos em tais formas de consumismo teve tudo a ver com a máxima absorção de volumes de capital exponencialmente crescentes em formas de consumismo que tiveram o menor tempo de rotatividade possível. O turismo internacional era emblemático. As visitas internacionais aumentaram de 800 milhões para 1,4 bilhões entre 2010 e 2018. Esta forma de consumismo instantâneo exigiu investimentos maciços em infra-estruturas de aeroportos e companhias aéreas, hotéis e restaurantes, parques temáticos e eventos culturais, etc” (Harvey, 2020: 19-20).

Se o consumismo está presente tanto no modo de produção em larga escala do capital, como na resposta à produção à falta para a/o “sujeita/o”, logo, eles respondem um outro, enquanto um está produzindo, o outro está consumindo essa produção¹³. Chegamos, então, à assertiva: a/o “sujeita/o” re-força à dominação capitalista, ao mesmo que a dominação capitalista re-força essa/e “sujeita/o”, uma reciprocidade constituinte do poder.

Conseguimos avançar em nossas propostas de pensamento. Tendo em vista o que discutimos, podemos visualizar por um lado, uma das possíveis relações entre o modo de *aceleração*, que caracteriza a virtualização na produção de “sujeitos”, por outro, as relações de consumo no modo de produção capitalista atual, criando uma conexão entre ambos por uma abertura de tempo congênere. Ademais, esse modo de aceleração não dilui a hierarquia de “sujeitos”, cujo destino é ilusoriamente dado por uma universalização das culturas, pacífica e harmônica. Ele dispôs sob novos signos a hierarquia e a captura.

Acontecimento covid-19

O que tornou possível o que discutimos foi a realização do possível do meu ver. Como limitação intrínseca do próprio ver, a imagem criada por essa narrativa pela via do

13 Aliança do projeto econômico liberal com o projeto de “sujeito”.

discurso é também uma duplicação, uma forma de captura pela linguagem. Dito de outro modo, as forças que estão em jogo entre o ver, o olho e o visto. Para que eu possa ver e narrar o visto, eu preciso acreditar no que vejo, preciso que o visto e olho se fundam, e assim considerar que a imagem seja de fato o que estou vendo. Dizemos então que o visto não é a coisa, é a imagem da coisa projetada no olho. E eu preciso acreditar nessa *crença* de que a coisa e imagem são os mesmos para eu poder narrá-la (D'Amaral, 1995).

Debruçando sobre esta experiência, a intuímos com uma experiência temporal. Tal que, a medida em que vemos a imagem da coisa também perdemos de vista a coisa, e a experiência é passada para o pretérito. Assim nosso ver será sempre tardio em relação ao acontecer. Levando as últimas consequências, não existem coisas, só imagens da coisa, só capturas, jogos de forças. Se a coisa e o olho se fundem, ela também transforma e produz “sujeito”, transforma o ver, num novo ver. Dizer “coisa” também já pressupõe a própria estabilidade que o substantivo evoca, algo de certa forma definível, dizível porém inalcançável. Estamos lidando com outra instância, com um processo em perpétuo acontecimento. Ao encontro do acontecimento.

Assim, narrar e escrever também não está dessas capturas. Falar sobre o coronavírus é também o acontecimento do coronavírus no meu discurso. É pretérito da minha experiência acerca do acontecimento que quero enunciar, pretérito, qual seja, também um acontecimento. Mesmo que eu escreva 1 ano ou 10 após o acontecimento, eu jamais vou conseguir capturá-lo ou dar conta dele. Nem mesmo algum contexto o contém. “O acontecimento nos faz ver aquilo que uma época tem de intolerável, mas faz também emergir novas possibilidades de vida. Essa nova articulação de possibilidades e de desejos inaugura, por sua vez, um processo de experimentação e de criação” (Lazzarato, 2006).

O caminho que percorremos até aqui, não foi um processo de construção verdades e argumentos que dessem conta do acontecimento. Pelo contrário, um processo de narrar no caminhar o que se compunha com meu próprio ver. O que visualizamos nos diz apenas quanto às experiências de tempos antes da chegada do coronavírus no mundo, experiências que podem ser determinantes (*dar condição*) à eclosão do vírus, entretanto, não possuem uma relação direta de determinação (causa-efeito). Vamos agora, pôr em questão às aberturas nessas experiências temporais propiciadas pelos vírus. Visto que só podemos colher os efeitos do que acontece (Deleuze, 2012), iremos, pois, ao encontro de alguns desses, nas experiências temporais discutidas aqui. E, além disso, ter em vista as possibilidades de transformação e abertura para novos mundos, diante da experiência da/o negra/o no pós-colonialismo.

Gostaria de trazer uma outra passagem do David Harvey, cuja análise acerca efeitos do covid-19 compõe com a nossa escrita:

“as companhias aéreas estão perto da falência, os hotéis estão vazios e o desemprego em massa no setor hoteleiro é iminente. Comer fora não é uma boa ideia e os restaurantes e bares fecharam em muitos lugares. Até mesmo entregas a domicílio parece arriscado. O vasto exército de trabalhadores uberizados ou em outras formas de trabalho precário está sendo dispensado sem nenhum meio visível de apoio. Eventos como festivais culturais, torneios de futebol e basquete, concertos, convenções empresariais e profissionais, e até reuniões políticas em torno de eleições foram cancelados. Estas formas de “consumismo experiencial baseado em eventos” foram extintas. A renda dos governos locais foi devastada. Universidades e escolas estão fechando” (2020: 20).

Se este modo de acumulação de capital está decretando falência, a experiência de tempo do consumismo também beira a transformação. Contudo, isso não impede o capital de se reerguer no mesmo modelo – com algumas reformas –, muito menos a sua temporalidade transformar-se. Aos olhos dessa/e *sujeita/o do capital*¹⁴, este momento pode não soar exatamente como um momento de mudança e transformação de si e de mundos, pelo contrário, como entrada na trincheira da competitividade; afinal, no momento de crise uns podem se tornar mais ricos à custa de outros. É falsa, pois, a dedução de que momentos como esse vão gerar necessariamente um mundo mais solidário e potente. É o que o anarquismo tem há muito nos falado sobre a solidariedade como princípio transformador e destuidor do Estado. Se o cenário da concorrência não foi discutido anteriormente, foi pois, em decorrência do próprio acontecimento e sua imprevisibilidade e irrealidade. Estamos acompanhando o texto fruto da relação entre escrita e pensamento. Um não é cópia do outro, muito menos derivado. Cada um é possuidor de força e autonomia¹⁵.

Não vou me alongar na discussão que envolve a concorrência. Ela é demasiado extensa para a construção desse artigo. Lidarei com a competitividade enquanto correspondência ao individualismo excessivo. E este será nosso campo problemático. “Em geral, expressamos sentimento de obrigações morais na família, com amigos, mas nem sempre com estranhos e, menos ainda, com inimigos e membros de grupos negativamente estereotipados” (Bento, 2014: 30). Isso nos leva a crer que essas obrigações morais estão inscritas na pressuposição de hierarquia, no triunfo do negativo. Este mundo com os

14 Uso esse termo para caracterizar a/o *sujeita/o* que vem sendo produzido pelas experiências de tempo discutidas.

15 “O mundo não é mais a combinação das palavras, e então as palavras podem se transformar em abismo. As margens vibram: dá-se o tempo – e o tempo, medula óssea dessa realidade, mostra-se às margens, atrator de uma reconfiguração estranha, improvável do sentido” (Souza, 2018: 56).

“negativamente estereotipados” se expõe como diferentes mundos, porém superpostos um no outro. O espírito de vingança nos mostra novamente a sua face, tal como discutido anteriormente. Ele se apresenta enquanto tal, articulador das “obrigações morais”. Maria Bento nos traz outra contribuição para a questão: “as epidemias que devastaram a Europa nos séculos XVI e XVII, em particular na Itália, na França e na Inglaterra, vitimaram 1/3 dos europeus, gerando um grande medo e, como consequência, a busca pelos culpados” (2014: 33). Com efeito, não é novo que queiramos acusar, apontar os dedos, indicar culpados diante de uma situação extrema, onde a morte se encontra cada vez mais presente. Para calar os sussurros da morte enquanto nos pomos a dormir, fechamos os olhos, imaginamos um lugar seguro, tranquilo e conhecido. Essa segurança é acalentadora, e ao mesmo tempo alimento da morte.

Como devemos, pois, considerar o conhecido como seguro, se foi este mesmo conhecido, vigente e hegemônico que nos conduziu até aqui? Se foi esse mesmo sol, intenso e radiante, que nos cegou para o desconhecido e para a novos modos de vida? É preciso o eclipse do coronavírus sobre o Sol, para vermos os podres e as baixezas humanas?

“É aqui que entram as opções políticas para solucionar problemas. Poucos poderiam prever uma pandemia. Mas todos sabem que em função das nossas opções econômicas e políticas seus efeitos podem ser minimizados. (...) A pandemia do coronavírus expõe as fraquezas e as vísceras do liberalismo econômico que é incapaz de propor políticas públicas que salve vidas. Ao contrário, defende a aplicação de um individualismo autodestrutivo, que arruína o coletivo, do qual o próprio indivíduo faz parte” (De Moraes, 2020).

Novos mundos

E agora *negra/o*? Experiência de tempo, fragmentação da marca, nos colocam numa posição de vulnerabilidade frente as supostas totalidades, o Estado assume essa tarefa de redator de nossas vidas. Cada vez mais presentes no controle das vidas, ao passo que mais ausente no asseguramento de uma parcela delas (De Moraes, 2020). Para que a produção capitalista de exploração e acumulação aconteça, é necessário um Estado que a faça acontecer (Ervin, 2015). Assim, economia e política tem andado de mãos dadas, um garantindo e enriquecendo o outro. Não precisamos ir longe para poder visualizar os efeitos disso, não precisamos ir longe para observar as medidas tomadas pelos governantes para proteger a *sociedade branca*, não precisamos ir longe para ver que algumas vidas valem

mais que outras – e estão sob o cerco do olhar da utilidade, raça e gênero, humanos e subhumanos, vivente e não-vivente.

Se ficamos mais vulneráveis na dupla fragmentação (do trauma e da marca), não é de surpreender a dificuldade em projetar novos mundos. Se nossa história e nossa integridade foi-nos retirada, com que base edificaremos um projeto de futuro e vivenciaremos o presente? O presente é vivenciado com base no projeto de futuro, edificado pelo passado que é constituído pelo presente. Sendo assim, não podemos separar esses termos, nem definirmos uma linearidade, e talvez eles sejam também arbitrários. Para o que caminhamos até agora, podemos dizer que não vivenciamos no tempo, como se fosse um lugar onde nos pomos sobre, pelo contrário vivenciamos tempo e nos dispomos a partir dele. É por isso que a temporalidade será uma inflexão em qualquer mundo, ela nunca está ausente e dispõe relações, conforme vimos em todo texto. Do mesmo modo que um mundo é disposto por uma temporalidade própria, o acontecimento também é. Acontecimento se mostra aqui como operador de diferença.

A *marca* trazida pelo acontecimento da covid-19 se dispõe como falência dessa experiência de tempo da/o “sujeita/o” do capital, assim como o próprio capitalismo. Não trago aqui um projeto acabado do que essa abertura promovida pelo acontecimento nos possibilita, seria uma captura muito presunçosa do meu ver. Entretanto, ela nos traz consigo a recusa, o não afirmador, um não que afirma uma experiência, que só a partir dessa recusa podemos caminhar para novos projetos de mundo.

Do mesmo modo, viver para a/o negra/o hoje é exatamente afirmar sua existência numa forma de recusa.

“Não”, essa é a palavra-mãe em cujo útero se agita o ainda não. Porém, agora, um “ainda não” que é a figura mesma da ansiedade da vida, que teve que passar pelas trevas mais absolutas e lá perdeu a capacidade de condescender com o leviano e o irresponsável – e é da vida feita, pelo desabar da ordem, a vida das palavras” (Souza, 2018: 56).

Viver condiz exatamente como luta pela sua própria condição de vida. Essa luta coincide com criação de novos mundos. Os gestos e afetos entre negras e negros, as tomadas de poder político e entrada no cenário econômico, por exemplo, constituem tentativas de criar mundos, produzir fissuras na sociedade branca – nesse sentido também, a virtualização se apresenta como criação de mundos pelos agenciamento. Para mim, ser negra/o é vivenciar uma luta constante. Tenho muita dificuldade em definir a experiência negra hoje, e mais

ainda em definir a/o negra/o, deixo-os como um campo de disputa, portanto, político¹⁶. Visto que diante de tantas impossibilidades, lutas e multiplicidade de modos de vida, uma grande interrogação ainda insiste. Que espaço há para a/o negra/o hoje? Essa interrogação não pode, entretanto, ser respondida com avidez, não temos garantias, mas se há algo que ela grita agressivamente, é a dimensão da própria interrogação carrega, a agressividade da mudança. Ser negro é experienciar uma luta pela mudança, é carregar o gérmen da revolução.

Bibliografia

BENTO, Maria Aparecida Silva. (2014), Branqueamento e branquitude no Brasil In CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs); Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil; Petrópolis; Editora Vozes; pp. 25-57.

D'AMARAL, Márcio Tavares. (1995), O Homem sem fundamentos: sobre linguagem, sujeito e tempo. Rio de Janeiro: UFRJ - Tempo Brasileiro.

DE MORAES, Wallace (2020). É hora de abandonar o vírus do liberalismo econômico. Le Monde diplomatique Brasil. Edição Abril. Disponível em <https://diplomatique.org.br/e-hora-de-abandonar-o-virus-do-liberalismo-economico> acessado em 03 de abril de 2020.

DELEUZE, Gilles. (2012), Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta.

DELEUZE, Gilles. (1978), Nietzsche e a filosofia. Porto: RÊS-Editora.

ERVIN, Lorenzo Kom'Boa. (2015), Anarquismo e revolução negra. Coletivo Editorial Singuilar.

FOUCAULT, Michel. (2013), Microfísica do Poder. São Paulo: Edições Graal.

HARVEY, David. (2020), Política anticapitalista em tempos de COVID-19 In DAVIS, Mike, *et al*; Coronavírus e a luta de classes; Terra sem Amos; pp.13-24.

16 Reservo também para trabalhos posteriores essa questão que sombreia, se o termo negra/o foi usado e criado pela branquitude como diferenciação de humanos pela raça, destituir a raça também destituiria o negro? É possível uma identidade negra não filiada a raça? E a implicação dessa (des)construção do termo para a língua portuguesa – de herança racista e machista?

KILOMBA, Grada. (2019), Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.

LAZZARATO, Maurizio. (2006), As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LEONARDI, Victor. (1999), A idade do Brasil 1. Brasília: Ministério da Educação. (Cadernos da TV Escola).

LEVY, PIERRE. (2011), O que é o virtual? São Paulo: Editora 34.

MBEMBE, Achille. (2014), Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona.

NIETZSCHE, Friedrich. (1999), Para a genealogia da moral In: NIETZSCHE, Friedrich: Coleção Os Pensadores; São Paulo; Editora Abril Cultura; pp. 337-370.

NIETZSCHE, Friedrich. (2010), Vontade de potência I. São Paulo: Escala.

SOUZA, Ricardo Timm de. (2018), Ética do escrever: Kafka, Derrida e Literatura como crítica da violência. Porto Alegre: Zouk.